

Autor: Ana Perl y Florencia Delgado

Título: As marcas significantes e o fenômeno psicossomático

Dispositivo: Mesas simultâneas de Trabajos Libres

Este trabalho é o resultado de pensar como encarar a análise de um sujeito que comparece à consulta perante à aparição de um fenômeno psicossomático e a conseqüente preocupação dos pais. Intento orientado sempre a partir de interrogantes guiados pela leitura do Seminário 11 e a Conferência em Ginebra sobre o sintoma, de Lacan. Nesta ocasião, temos escolhido apresentar um extrato de uma experiência clínica realizado por uma de nos, compartilhado desde as inquietudes que as dificuldades para abordá-lo foram aparecendo, o qual nos motivou a pesquisar a partir do dizer de uma menina que se encontra abordada pelo fenômeno

Mesmo nosso serviço seja uma relação realizada apenas entre profissional - paciente; um analista, diz Lacan, autoriza-se por si mesmo e por alguns outros. Neste movimento de intercâmbio com os pares, às vezes coincidente com esse momento do serviço no qual o analista teoriza acerca de sua práxis, se abre um espaço criador de discussão com outros que, por sua vez, plantea os interrogantes com quem os compartilhamos.

Encontramos neste ponto a inquietude comum pelo estudo de um fenômeno que remite-nos a pensar nossa clínica de outro jeito; que estratégias que podemos utilizar para trabalhar com sujeitos que chegam à consulta, colocados do lado do objeto. Para pensar estas questões teoricamente, temos utilizado como suporte o caso de M., por seu caráter paradigmático, pelas dificuldades que surgiram a partir dele.

Os pais de M. consultaram angustiados quando a criança tinha 5 anos. Um ano atrás sua filha foi diagnosticada com uma *artrite reumatóide juvenil*. Segundo o discurso médico, trata-se de uma doença auto-imune, na qual o organismo não diferencia o próprio do alheio, por tanto, atacando o próprio como se fosse alheio.

O pedido dos pais de análise articula-se à permanência da doença, já que ante a melhoria do fenômeno psicossomático -entre outros motivos- sobrevinha

a urgência por interromper o tratamento, e por suas recaídas retornava-se ao mesmo. Neste marco foi difícil encontrar um dizer do sujeito-criança que não se alienasse –também no analista- ao discurso parental, no entanto apoiado no saber médico, que impregnava e obstaculizava o processo analítico.

No trabalho com a analista se observaram algumas questões transferenciais que nos permitem pensar o lugar de M. respeito do Outro

Nos jogos que implicam comer e ser comida; como no xadrez, o pac-man (também chamado de “come cocos”), M. com o movimento de suas fichas esconde-se, oculta-se em si mesma e ante a possibilidade de ser comida se oferece, esquece suas defesas (por exemplo, que ela também pode comer ao outro) e se coloca como objeto a ser devorado. Perante as perguntas da analista acerca de por que não come as fichas do outro, M. não pode articular respostas. Aparece colocada em um lugar de objeto, pode só ser comida, não pode realizar outra ação no jogo, não pode comer as fichas do outro. Este mesmo lugar é mantido quando se ofusca, se encerra, perseguida como se pudesse ser devorada com as intervenções, precisamente quando estas buscam situar um espaço de perguntas pelo desejo.

Se o fenômeno psicossomático tem um estatuto diferencial respeito do sintoma e de qualquer outro retorno do reprimido, como desenvolvê-lo? Os retornos do reprimido, como formações do inconsciente têm um estatuto simbólico, que é estruturado como uma linguagem e regulado pelas leis do mesmo. Podemos trabalhar estes retornos através da fala, por via dos significantes que fazem cadeia na história singular de cada sujeito. O fenômeno psicossomático parece colocado por fora desta cadeia significativa que bem pode remitar a alguma significação articulada em uma novela ou mito, porém fica isolada do resto da rede significativa na qual pode implicar-se esse sujeito: esse significante em particular fica cristalizado.

Como trabalhar com M.? Em geral, acostumamos sentir-nos mais cômodos quando trabalhamos com uma criança que traz sintomas e que pode discorrer sobre eles, que arma sua versão acerca de aquilo que o oprime, que nos traz palavras, desenhos, jogos que vão aportando o material que nos

possibilita intervir. Trabalhamos, em primeira instância, com estes rébus, retornos do reprimido.

Quando a criança, como acontece neste caso, vem com um diagnóstico médico, se apresentam outras dificuldades. A ausência de associações, a compulsão a uma repetição fechada em si mesma, a aparente imutabilidade ante nossas intervenções, e que M. não possa articular nada respeito de sua enfermidade, disparam os interrogantes sobre a direção da cura. Estes obstáculos repetiram-se ao longo do processo de elaboração deste trabalho, na tentação ao recurso da generalização teórica, ante a dificuldade de escutar a singularidade de M., de localizar seus significantes em relação ao fenômeno.

Neste caso, o que determina em M. “apresentar-se” através do fenômeno psicossomático? O que oferece desde esse lugar que não pode afastar-se, metaforizar-se? O que possibilitaria em M. a saída desse lugar? Desde que lugar intervir para que M. possa perder-se para o Outro? *Possa perder-se nesse ponto* constituído pelo fenômeno psicossomático e perguntar-se, e não só oferecer-se.

Sabemos que o sujeito se constitui a partir do cruzamento pelo discurso do Outro. Nesse movimento o organismo desaparece para sempre na demanda e o desejo que constituirão um corpo *erogeneizado* e unificado pelo significante.

Sexualidade, corpo, sintoma são para a psicanálise efeitos do cruzamento da linguagem. O biológico em sentido estrito fica perdido neste banho significante.

Frente ao fenômeno psicossomático, embora, temos a sensação de que não se tratara desse corpo. Ou ao menos um troço desse corpo teria ficado por fora do circuito do desejo.

Como na lenda de Aquiles, na qual Tetis dá banho a seu filho nas águas do Estígia para torná-lo invulnerável, deixando por fora aquela porção desde donde o sustem –o calcanhar-; o banho da linguagem, teria deixado sem cobrir alguma porção do corpo que poderia por isso resultar lesada? Que movimento se produz entre o sujeito e o Outro, nos tempos constitutivos da subjetividade, para que apareça uma lesão aí onde faltaria o significante articulado à cadeia?

M. faz sua assinatura constantemente. Nela põe seu nome e em cima (riscando-o) seu sobrenome, ficando tão misturados que não se pode ler, diferenciar o que se diz. Onde encontra-se a diferença aqui -justamente no seu nome- o mais próprio e o mais alheio que possuímos?, onde fica a possibilidade da diacronia e a sincronia em uma riscadura? Poderíamos pensá-lo como a posta em cena da ausência do intervalo no sentido holofrásico enunciado por Lacan entre S1 e S2¹.

Em um primeiro momento de constituição do psiquismo se produz a chamada por Lacan alienação significativa do sujeito, *cujo efeito é a afanise do mesmo*. O sujeito desaparece, se divide para sempre e fica sob os significantes que representam-no. Como resultado desta operação o par significativo fica constituído. *O resultado desta primeira operação é o efeito afanise*. Aqui retoma-se aquela primeira falta, real, do ser vivente, mortal e sexuado; articulando-se com esta falta simbólica, produzida pelo significativo proveniente do campo do Outro.

Em um segundo tempo da dialética da relação do sujeito com o Outro, se produzirá a separação entre esses significantes fornecidos anteriormente. Os significantes S1 e S2 separam-se, a partir da interrogação que o sujeito pode realizar sobre esse mundo simbólico e desejante do Outro. Para isso deverá pôr em jogo sua própria desapareição através da função *afanise*. Ela consiste no intento de responder à pergunta pelo desejo do Outro *com sua própria desapareição*, único recurso com o qual conta, aprendido no tempo da alienação significativa. M. não pode jogar ao faltar-lhe ao Outro, o faz oferecendo-se. Numa partida de xadrez, pergunta: “Se não posso comer tuas fichas, posso comer as minhas?” Ante a demanda do Outro –te como- não pode armar um estratégia, um disfarce para procurar outros lugares possíveis. Pode talvez tentar, ou perguntar com este movimento, se pode diminuir o goze dessa demanda.

¹ Lacan, Jacques. O seminário. Livro 11 “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”. Editorial Paidós. Quilmes. Junho 2001. Página 245.

Neste movimento o sujeito se faz objeto da falta do Outro, formulável sob a pergunta: podes me perder? A possibilidade de formular este interrogante dá conta de que se tem produzido um intervalo entre o par significativo, espaço no qual se colocará o desejo, sempre escorregadio. O sujeito fica representado por um significante ante outro significante, excluindo-se ele mesmo dessa cadeia.

No fenômeno psicossomático essa pergunta pelo desejo do Outro não pode ser formulada e os significantes se holofraseiam; bem porque a demanda do Outro é tão absoluta que o sujeito não pode questioná-la, só fechar-se ante as intervenções, oferecer-se a ser devorado. Ante a pergunta sobre deixar ser devorado: "...não tinha pensado que me comesse..."

Como conseguir uma separação, um intervalo, nessa alienação a discursos Outros?, esses discursos Outros -médicos, parentais- que aparecem obturando por que M. não pode perder-se para eles? Só pode SER para eles. O espaço da análise permite abrir alguma brecha, nessa holofrase, já que ante as interrupções do tratamento a enfermidade volta a tomar um lugar preponderante. Isto gera alguma pergunta no discurso parental já que regressam ao consultório, e isso indicaria um espaço possível para a separação significativa. Também assim no jogo, quando M. é comida, mas ao mesmo tempo consigo comer e diz "agora já sim o pensei..."

Ficam como perguntas: como conseguir a possibilidade da emergência de um discurso próprio e alheio do sujeito implicado em sua rede de significantes? Como fazer que possa interrogar seu desejo ali?

BIBLIOGRAFIA

Lacan, J. O SEMINARIO. Livro 11 “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”. Editorial Paidós. Quilmes. Junho 2001.

Lacan, J. *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. EM INTERVENÇÕES E TEXTOS 2. Manantial. Buenos Aires. 2007.

Heinrich, Haydeé. QUANDO A NEUROSE NÃO É DE TRANSFERÊNCIA. Homo Sapiens. Rosario. 1996.